

Qualidade da Auditoria Independente em Empresas Familiares e Não Familiares Brasileiras

Geisa Cassiana Paulino da Silva
Universidade Federal da Paraíba
E-mail: geisapcont@gmail.com

Edilson Paulo
Universidade Federal da Paraíba
E-mail: e.paulo@uol.com.br

Linha Temática: Controladoria no Setor Privado

Resumo

As firmas familiares possuem uma singular estrutura de propriedade e controle concentrado que pode ocasionar o surgimento de mais de um tipo de conflito de agência descritos na literatura. Nesse ambiente a auditoria independente contribui para evitar os problemas de agência e prevenir esses eventuais conflitos. Destarte o objetivo traçado para o presente estudo foi o de verificar como a qualidade da prestação do serviço de auditoria independente, se diferencia entre empresas familiares e não familiares no ambiente do mercado de capitais brasileiro. O período abrangido pelo estudo foi entre os anos de 2010 a 2013 para reunir dados de todas as companhias abertas listadas na BMF&Bovespa. Para categorização das empresas familiares e posteriormente separação da amostra em dois grupos, primeiro observou-se se o controle acionário direto pertencia a duas ou mais pessoas que, identificadas por um ou mais sobrenomes comuns, caracterizassem uma “família”. Foi usada a variável presença de Big Four ou não Big Four como proxy para a qualidade dos serviços de auditoria em que, através do teste não paramétrico *Qui-Quadrado* com o nível de significância adotado de 5%, pode-se verificar que dos quatro anos que foram analisados, em três a qualidade da auditoria independente é estatisticamente diferente entre os dois grupos de empresas. Atribui-se isso as diferentes características institucionais encontradas entre as empresas familiares e as não familiares, pois a presença de potenciais fatores como os conflitos de agências e assimetria informacional, tendem a interferir na qualidade da auditoria conforme literatura pertinente.

Palavras-chave: Qualidade de Auditoria; Empresas Familiares; Conflitos de Agência

1. Introdução

O fato da eficiência do mercado de capitais está ligada a disponibilidade de informações confiáveis sobre a situação das empresas listadas (MOORE; TETLOCK; TANLU, 2006) evidencia o papel fundamental da informação contábil que conforme Firmino, Damascena e Paulo (2010) pode influenciar as decisões individuais de seus diversos usuários e, dessa forma, afetar a alocação dos recursos e funcionamento eficiente dos mercados e da economia. Destarte, a auditoria independente contribuiria para um bom funcionamento do mercado ao auxiliar o relacionamento entre os diversos agentes econômicos usuários da Contabilidade.

Nesse ponto, destaca-se a existência das firmas familiares que, diferentemente das firmas não familiares, possuem uma singular estrutura de propriedade e controle concentrado que pode ocasionar o surgimento de mais de um tipo de conflito de agência descritos na literatura.

A respeito disso, Tong (2007) destaca que as empresas familiares podem apresentar tanto o tipo I como o tipo II de conflitos de agência. Assim, enquanto a separação entre propriedade e gestão do negócio, cujo controle seja pulverizado entre os agentes do mercado, pode gerar os problemas de agências denominados na literatura de tipo I. A estrutura de propriedade de controle concentrado, normalmente típica em empresas familiares em que muitas vezes os proprietários são os próprios gestores ou acabam influenciando estes, pode ocasionar, também, problemas de agência do tipo II. (ALI, CHEN, RADHAKRISHNAN, 2007; SALVATO, MOORES, 2010).

Nesse ambiente, a auditoria independente assegura a divulgação de informações fidedignas, relevantes e oportunas (SILVA, 2010), contribuindo para uma melhor qualidade dos informes contábeis, bem como, é considerada um mecanismo de governança corporativa que ajuda a reduzir a assimetria informacional (BRAUNBECK, 2010; FIRMINO, DAMASCENA, PAULO 2010; SILVA 2010; NISKANEN, KARJALAINEN E STEIJVERS, 2011; PAULO, 2012; DARMADI, 2012), além de contribuir para evitar os problemas de agência e prevenir esses eventuais conflitos. (MARTINEZ, 2001).

Destarte, propõe-se nesse estudo investigar a qualidade da auditoria independente de forma comparativa entre as empresas familiares e as não familiares, tendo em vista que entre essas duas organizações podem ser encontradas características diferenciadas como estrutura de capital, tipos de conflitos de agência existentes, além das questões sobre gestão e controle que, possivelmente, influenciam a prestação do serviço de auditoria de qualidade de forma distinta entre esses dois tipos de empresas. Diante disso, o objetivo desse estudo é verificar como a qualidade da prestação do serviço de auditoria independente se diferencia entre empresas familiares e não familiares no ambiente do mercado de capitais brasileiro.

Algumas pesquisas já realizadas (ORO; BEUREN; HEIN, 2007; GRZESZCZESZYN; MACHADO, 2008; BORGES; LESCURA; OLIVEIRA, 2012) discorrem sobre a importância em contribuir para a compreensão da dinâmica organizacional das empresas familiares, pois no contexto econômico nacional, dados apresentados pela Family Business Network (FBN Brasil – 2012) sugerem que 90% das empresas brasileiras são familiares e das 300 maiores empresas, 256 são familiares e chegam a representar mais de 50% do PIB, respondendo por 75% do total de empregos gerados no país.

2. Referencial Teórico

2.1. Qualidade dos Serviços de Auditoria Independente

Devido a crescente dinâmica por informações confiáveis e oportunas, vêm se exigindo maior qualidade dos serviços de auditoria realizados (FIRMINO; DAMASCENA; PAULO, 2010). Como ponto de partida para discutir qualidade dos serviços de auditoria, atenta-se para a necessidade de adotar uma das definições existentes sobre o tema, visto que, por ser subjetivo, suscita perspectivas diferenciadas entre os estudiosos da área.

Para outros autores como DeFond e Zhang (2014) qualidade de auditoria é tida como uma maior garantia de relatórios financeiros de qualidade. Por outro lado DeAngelo (1981) define qualidade dos serviços de auditoria como a probabilidade conjunta de dois eventos:

- a) O auditor externo detectar anormalidades materiais nas demonstrações financeiras e;

b) Relatar isso aos usuários dessas demonstrações.

Nesse sentido, Paulo (2012) afirma que a detecção de erros está ligada a competência técnica do auditor, enquanto que a divulgação dessas inconsistências estaria relacionada à independência do auditor. O primeiro componente estaria ligado ao nível de esforço do auditor, ou seja, sua *expertise*, enquanto que o segundo componente refere-se a objetividade e ceticismos do auditor. Dessa forma esses dois componentes também sugeririam que diferentes aspectos da auditoria podem influenciar a qualidade desse serviço (KNECHEL, 2012).

A competência do auditor possui relação com a capacidade técnica, extensão dos exames realizados e os procedimentos adotados (DeANGELO, 1981). Já o atributo da independência é tido para Braunbeck (2010) como a probabilidade não nula do auditor informar uma desconformidade encontrada. Sobre isso Sirois e Simunic (2011) argumentam que a independência vai além de uma exigência do trabalho de auditoria, é um “estado de espírito” que o profissional deve atingir e demonstrar. Pertinente a isso na literatura aponta-se uma relação positiva entre qualidade da auditoria e os atributos de competência e independência, ou seja, quanto maior a competência e a independência dos auditores maior será a qualidade dos serviços prestados (PAULO, 2012).

No entanto a impossibilidade de observação empírica direta dessas variáveis (competência e independência) é tida para DeAngelo (1981) como a motivadora para a busca de alternativas que mensurem a qualidade da auditoria. Considerando isso, DeFond e Zhang (2014) sugerem o uso de *inputs* como o tamanho da firma de auditoria e os honorários de auditoria como formas de medir a qualidade da auditoria.

Sobre esses *inputs*, existe certo consenso entre os pesquisadores desta área de que o tamanho da firma de auditoria influencia o nível de qualidade dos serviços prestados (DEANGELO, 1981; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009; BRAUNBECK, 2010).

O argumento para isso que as grandes firmas de auditoria possuem mais recursos financeiros e operacionais, e por isso prestam melhores serviços (PAULO; CAVALCANTE; PAULO, 2013), a lógica seguida é que esse tipo de firma, por possuírem em sua carteira muitos clientes, seriam incentivadas a apresentarem um alto nível de qualidade de seus serviços como forma de preservar e manter sua marca e reputação, já que um incidente que prejudique sua credibilidade diante do mercado poderia ocasionar, conforme Almeida e Almeida (2009), um aumento no custo de transação da empresa de auditoria, pois afetaria toda a cadeia contratual, a marca, a qualidade dos serviços e a sua reputação.

Esses impactos, mencionado pelo referido autor, provavelmente teriam reflexos econômicos indesejados no rendimento da firma de auditoria. Dessa forma, defende-se que é mais provável que as grandes firmas de auditoria mantenham a característica de independência por ganharem mais do que possivelmente perderiam financeiramente e em termos de reputação.

Ademais, como incentivo para o padrão de alta qualidade esperado por essas empresas conhecidas atualmente como *Big Four*, pode-se acrescentar, o fato destas atuarem globalmente e dessa forma possuírem maior campo de atuação e experiência, bem como profissionais mais altamente capacitados.

Estudos voltados a investigar a qualidade dos serviços de auditoria, reforçam a afirmação de que *Big Four* fornecem serviços de auditoria de mais alta qualidade. Como exemplo, Martinez e Reis (2010), Almeida (2001), Almeida e Almeida (2009) e Braunbeck (2010), ratificam o pressuposto de que empresas de auditoria denominadas de *Big Four* apresentam maior qualidade dos serviços prestados.

2.2. Empresas Familiares

Ainda encontrar-se na literatura corrente uma falta de consenso a respeito do conceito de empresa familiar. (ORO, BEUREN, HEIN, 2007; MONTES et al., 2008; GRZESZCZESZYN, MACHADO, 2008). Dito isso, segue-se a proposta de Gomes (2005) no que diz respeito à orientação de adotar princípios direcionadores que viabilizem essa classificação. Assim, propriedade, controle, direção, envolvimento familiar, cultura e tradição familiar são fundamentos usados por essa autora para classificar as empresas familiares.

De forma simples, Oro, Beuren e Hein (2007) consideram a participação majoritária da família no capital da empresa e o envolvimento de membros da família na gestão do negócio, como determinantes para a conceituação de empresa familiar.

No tocante a isso, Montes (2008) comenta que existe um consenso entre os autores sobre três elementos essenciais em negócios familiares: a propriedade, o negócio e ou empresa e a família, de modo que ao tentar-se uma classificação, esta leva em conta aspectos subjetivos como a distribuição da propriedade da empresa, o controle, ou a intenção de continuidade geracional.

Na literatura aponta-se que a gestão das empresas familiares é distinta das não familiares (SCARPIN; ALMEIDA; MACHADO, 2012). Destarte, Oro, Beuren e Hein (2007, p. 71) destacam que “A gestão da empresa é exercida por membros da família com influencia direta na tomada de decisão.” Nesse sentido também discorrem Ramirez e Ospina (2011, p.197) quando afirmam que “*En este caso, la unidad básica de cohesión social llamada familia, sirve también como unidad básica para la organización económica.*”

Assim, ver-se que a participação da família na gestão da empresa é considerada o diferencial desse tipo de organização em relação às demais, logo a existência da família e da empresa como duas instituições em um único ambiente, de acordo com Grzeszczeszyn e Machado (2008), é o que torna a empresa familiar uma organização complexa. Como exemplo da complexidade que pode existir nesse tipo de organização Oro, Beuren, Hein (2007), em revisão de literatura, constataram que diversas obras abordam a temática das empresas familiares e suas dimensões (capital, família e empresa) destacando o envolvimento da família na gestão o que muitas vezes pode gerar conflitos por poder.

Esses conflitos de interesses, tematizados pela teoria da agência, são possivelmente originados por conta do controle concentrado que é uma característica peculiar das organizações de cariz familiar (SANTOS; DANI; MACHADO, 2012).

Ademais Torres et al. (2010), ao considerar a forte presença das empresas familiares no Brasil, argumentar que os problemas de agência não surgem, geralmente, em função dos conflitos entre acionistas e gestores, mas sim em decorrência dos conflitos entre acionistas majoritários e minoritários. A auditoria independente nesse cenário é considerada, pela Teoria da Agência, um dos principais mecanismos dedicados a prevenir e regular os custos de agência (NISKANEN; KARJALAINEN; STEIJVERS, 2011).

E no diz respeito às empresas familiares, estas podem apresentar duas formas de conflitos de agência, o tipo I caracterizado pelo não alinhamento de interesses entre acionistas e gerentes, e o tipo II de conflito de agência que dar-se entre o acionista proprietário e os minoritários (TONG, 2007).

Wang (2006) destaca duas perspectivas teóricas quando ao enfoque que o impacto do controle familiar pode exercer sobre a qualidade das informações contábeis: o efeito entrincheiramento e o efeito alinhamento.

O efeito entrincheiramento pode causar a expropriação dos minoritários por parte do acionista controlador, isso na ótica de que estes teriam incentivos para extrair benefícios

privados advindos dos altos cargos ocupados dentro da empresa (SALVATO; MOORES, 2010). Por outro lado, o efeito alinhamento, que para Wang (2006) argumenta que nessa perspectiva aspectos como, o interesse da família na continuidade da empresa no horizonte temporal de longo prazo e a reputação da família estando atrelada ao negócio, podem gerar incentivos que contribuam para coibir comportamentos oportunistas de gerenciamento de resultado no curto prazo.

Pertinente a isso, ressalta-se a afirmação de que existem correntes divergentes quanto ao fato de se a estrutura familiar seria minimizadora ou geradora de custos de agência. (RAPOZO; PAGLIARUSSI; AQUINO, 2007). Corrobora com isso Hashim (2011) quando afirma que ainda é uma questão empírica em aberto se a estrutura familiar empresarial fornece incentivos para diminuir os custos de agência ou cria-los.

2.3. Estudos sobre Auditoria Independente em Empresas Familiares

Na revisão bibliográfica feita pelo presente estudo encontrou-se, no contexto nacional, limitadíssimas pesquisas que abordassem a temática da qualidade dos serviços de Auditoria Independente no âmbito de empresas familiares.

Braunbeck (2010), por exemplo, apresenta evidências de que as empresas que possuem maior nível de conflito, entre os acionistas controladores e não controladores, apresentam redução da qualidade da auditoria independente, porém não fica claro se esse controle acionário é de caráter família ou não.

No entanto, estudos internacionais abordam temas relevantes para o entendimento do papel e da atuação da auditoria independente nas empresas familiares.

Os resultados da pesquisa feita por Niskanen, Karjalainen e Steijvers (2011), em firmas familiares privadas sobre o papel da estrutura administrativa nessas empresas, demonstram que a presença de agentes externos na estrutura administrativa, bem como a da propriedade familiar, aumentam a demanda por auditoria de qualidade.

Evidências encontradas por Darmadi (2012) no mercado da Indonésia revelam que firmas com grande concentração de propriedade são mais prováveis a contratar serviços de auditoria de *Big Four*. No entanto, quando a concentração de controle pertence a uma família a relação entre propriedade concentrada e a alta qualidade da auditoria independente torna-se negativa.

Já Ghosh e Tong (2015), em um estudo realizado através da análise dos honorários pagos aos auditores, encontraram evidências convincentes que os auditores independentes atribuem qualidade superior aos relatórios financeiros das empresas familiares e por isso cobram menores honorários. O entendimento sugerido para isso é que a qualidade da informação financeira afeta o risco de auditoria no sentido de que quanto maior o risco percebido pelos auditores maior seria o montante de honorários cobrados.

Hope, Langli e Thomas (2012) investigaram as empresas familiares privadas objetivando compreender como os conflitos de agência surgem em decorrência da estrutura de propriedade e das relações familiares. Usando como *proxy* para o esforço da auditoria os honorários pagos, descobriram que estes variam de acordo com a hipótese do nível das características da firma relacionadas a estrutura de propriedade e as relações familiares. Ademais, encontraram evidências de que uma firma em um cenário de altos custos de agência responde por ter seus relatórios financeiros auditados por um auditor de alta qualidade, bem como quando existe a presença de CEO (*Chief Executive Officer*) familiares na empresa não houve evidências de uma maior demanda por firmas de auditoria *Big Four*.

Corroboram com esses resultados, os achados da pesquisa feita por Srinidhi, He e Firth (2014) de que a firmas familiares com uma boa governança exibem melhor qualidade de *earnings* e pagam menores honorários de auditoria do que a firmas não familiares.

Kamarudin, Dunstan e Zijl (2012), em estudo realizado na Malásia com empresas familiares, evidenciaram que há relação entre reduzidos *earnings* conservadores e uma alta presença de serviços de não auditoria, bem como uma duração pequena do mandato da firma de auditoria (menos de quatro anos), já para as firmas não familiares a presença dessas duas variáveis não apresenta relação significativa com *earnings* conservadores.

Pelo exposto, pode-se observar que não existe uma posição clara de como as estruturas organizacionais de cariz familiar podem vir à afeta o trabalho e, por conseguinte, a qualidade da auditoria independente.

3. Metodologia

3.1. Caracterização da Pesquisa

Para aos fins a que se destina, esse estudo caracteriza-se como exploratório-descritivo, usando-se, ainda, de procedimentos de revisão bibliográfica. Ressalta-se, também, o viés documental do presente estudo, o qual se deu através de consultas realizadas nos sites da Bovespa e da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) onde foram extraídos dados primários de formulários necessários à construção da pesquisa.

Reuniu-se dados sobre todas as Companhias abertas listadas na BMF&Bovespa divulgadas no sobre o ano de 2013 referente às suas estruturas acionárias, para identificar existência de controle acionário familiar, bem como, se haveria a presença de membros da família, identificados pelo sobrenome, em altos cargos administrativos como indicativo de possível gestão familiar sobre os negócios, o que acentuaria a presença da família na empresa.

Dentro do período considerado no estudo, de 2010 a 2013 coletou-se dados que permitissem identificar o auditor responsável pela auditoria no período investigado, a data de contratação do mesmo, o valor dos honorários pagos relacionados apenas a serviços de auditoria independente, bem como honorários relacionados a serviços de não auditoria quando houvesse tal distinção feita por parte da empresa.

Para categorização das empresas familiares, no primeiro momento foi adotada a metodologia sugerida por Scarpin, Almeida e Machado (2012) para identificação do controle direto familiar, onde foi observado se o controle acionário direto pertencia a duas ou mais pessoas que, identificadas por um ou mais sobrenomes comuns, caracterizassem uma “família”. Em um segundo momento, quando havia a presença de pessoas jurídicas na estrutura acionária de forma controladora, buscou-se aprofundar a informação até o nível de controle exercido por pessoa física e, dessa forma, verificar a existência do controle familiar acionário indireto. Nesse ponto, ressalta-se que foi considerado controle acionário quando o indivíduo ou grupo possuísse mais de 50% das ações ordinárias.

Ademais, procurou-se verificar a existência de membros da família em cargos como a presidência da diretoria e do conselho de administração como forma de controle sobre a gestão da empresa.

3.2. Campo Amostral

O período abrangido pelo estudo de 2010 a 2013 foi determinado por questão de ordem prática no que se referiu à coleta de dados. Dessa forma, pode-se observar na Tabela 1 o quantitativo de empresas familiares que participaram do estudo.

Tabela 1 – Composição amostral das empresas familiares

	2013	2012	2011	2010
Quantidade Total	93	86	86	86
IF's retiradas	7	4	4	4
Sem dados	4	2	3	3
Retiradas	3	1	-	-
Amostra	79	79	79	79

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Conforme a Tabela 1 acima, o quantitativo encontrado de empresas familiares listadas na BMF&Bovespa foi distinto entre os três primeiros anos e o último, sendo assim, foram selecionadas as empresas que tenham estado ativas durante todos os anos abrangidos pelo estudo, bem como, possuam os dados requeridos pela pesquisa disponíveis para consulta. Dessa forma, foi estabelecida uma amostra não probabilística para as empresas familiares considerando que para todos os anos são analisadas as mesmas empresas.

Quanto às empresas não familiares, primeiro foram selecionadas as empresas não financeiras que possuíssem os dados disponíveis para todos os anos abrangidos pela pesquisa. Com isso, chegou-se ao quantitativo de 91 empresas não familiares, nas quais aplicou-se uma seleção aleatória probabilista para que os dois grupos analisados ficassem com o mesmo quantitativo de empresas. Portanto esta pesquisa trabalhou com o quantitativo total de 158 empresas, das quais, metade foram consideradas familiares e a outra metade não familiar.

3.3. Desenvolvimento da Hipótese e Método Usado

Considerando as diferenças entre as características das empresas familiares e as não familiares como estrutura de capital, tipos de conflitos de agência, além das questões sobre gestão e controle, que podem vir a afetar a prestação do serviço de auditoria, adotou-se para teste a seguinte hipótese de pesquisa:

Hipótese de pesquisa: As empresas familiares apresentam diferenças na qualidade de serviços de auditoria em relação às empresas não familiares.

Considera-se que tanto pela lógica do efeito entrincheiramento como pela do efeito alinhamento, as empresas familiares buscariam por serviços de auditoria de qualidade de forma distinta das empresas não familiares. No entanto, a existência de um serviço de auditoria de alta qualidade para essas empresas possibilitaria mitigar os conflitos de agência partindo do pressuposto do efeito alinhamento onde existe a preocupação com o nome da família, bem como, pela presença de conflitos de agência que são considerados potenciais incentivos para a demanda do cliente por alta qualidade de auditoria (DeFOND; ZHANG, 2014).

Para alcançar o objetivo da pesquisa, optou-se por usar um teste não paramétrico considerando o uso de uma variável dicotômica que não apresentou distribuição normal

verificada através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Assim, usou-se o teste *Qui-Quadrado* ao nível de significância para verificar se há diferenças estatísticas no nível de qualidade de auditoria entre os dois grupos.

Pela literatura, empresas auditadas por *Big Four* apresentam melhor qualidade de auditoria, destarte a variável assumida como *proxy* para a qualidade da auditoria no presente estudo foi a presença de *Big Four* ou não, como firma prestadora de serviço de auditoria. Em vários estudos sobre auditoria pode ser encontrado o uso do tamanho da firma de auditoria como *proxy* (CUPERTINO, MARTINEZ, 2008; PAULO, ANTUNES, FORMIGONI, 2008; FIRMINO, DAMASCENA, PAULO, 2010; PAULO, 2012). Os argumentos para isso seguem o raciocínio de que as grandes firmas de auditoria possuem maior capacidade para fornecer serviços de mais alta qualidade por preocupações com a reputação e os litígios, além da *expertise* e provável maior independência financeira.

Portanto, esta pesquisa considerou pertencentes ao grupo das *Big Four*, as empresas Pricewaterhouse Coopers, Deloitte Touche Tohmatsu, KPMG e a Ernst & Young.

4. Apresentação dos Resultados

4.1. Características por Tipo de Controle nas Empresas Familiares

Optou-se por adotar uma amostra constante composta pelas mesmas empresas, 79 familiares e 79 não familiares, durante todos os anos, para que os resultados da pesquisa pudessem ser mais consistentes.

Para as empresas familiares da amostra, foi identificado, conforme a Tabela 2 abaixo, que tipo de controle acionário é exercido nessas empresas, se direto ou indireto, bem como, foi calculado a média aritmética do percentual de ações ordinárias detidas pelos entes familiares de forma separada entre os dois tipos de controle somente para o último ano da análise, no caso 2013, de maneira a apresentar a situação que seria mais atual conforme os dados coletados.

Tabela 2 – Tipo de controle acionário e percentual do controle médio

Tipo	Média (%) de controle	(%) Tipo de controle	Total de empresas
Controle indireto	64,4%	66%	52
Controle direto	68,3%	34%	27
Total amostra	-	100%	79

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Dentro desse agrupamento feito de qual é o tipo de controle acionário exercido nas empresas familiares, pode-se analisar a ocupação de altos cargos administrativos por membros da familiar e perceber que o controle indireto é predominantemente maior.

Na Tabela 3 a seguir demonstra-se o percentual da presença de membros da família ou das famílias controladoras em cargos como a presidência do conselho administrativo e a presidência da diretoria dentro do ano de 2013.

Tabela 3 – Presença de membros da família na gestão

Tipo	Diretor Presidente	Presidente Conselho	Total de empresas
Controle direto	70%	74%	27
Controle indireto	54%	85%	52

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Percebe-se que as empresas controladas diretamente possuem um percentual mais constante de membros familiares na gestão do negócio, o que pode ser entendido como uma maior concentração da força da família sobre a empresa. Por outro lado, quando o controle é exercido de forma indireta a família poderia estar preocupada em reforçar sua participação na gestão da empresa ocupando, de forma contundente, a presidência do Conselho de Administração. Outra característica levantada sobre as empresas familiares foi quais os segmentos da Bovespa elas estariam mais presentes.

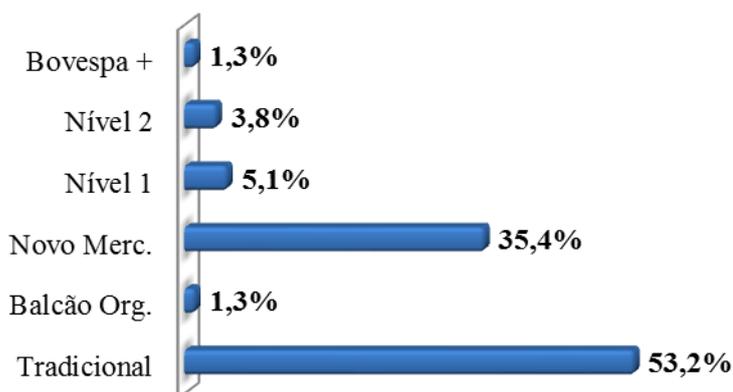


Gráfico 1 – Empresas Familiares por Segmento da Bovespa

Vê-se que há uma grande concentração de empresas familiares no nível tradicional da Bovespa, isso poderia sugerir uma menor preocupação, por parte da maioria, desse tipo de empresa em relação aspectos da Governança Corporativa. Como forma de reforçar esse resultado, é evidenciada a seguir uma análise de sensibilidade onde foram retiradas as empresas listadas no segmento Bovespa Mais e Novo Mercado, pois estes são considerados como extremos em relação às imposições de práticas menos exigentes e mais exigentes, respectivamente, de Governança Corporativa.

O resultado encontrado está evidenciado no Gráfico 2 a seguir:

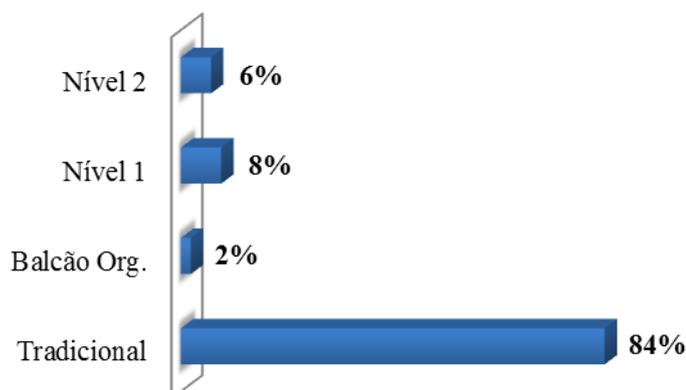


Gráfico 2 – Empresas Familiares por alguns Segmentos da Bovespa
Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Percebe-se que mesmo com a exclusão dos segmentos Novo Mercado e Bovespa Mais, as empresas familiares estão predominantemente listadas no segmento Tradicional da Bovespa, que é tido com o que cumpre apenas as exigências mínimas de Governança Corporativa.

4.2. Características dos Serviços de Auditoria

A seguir, apresenta-se, para o grupo das empresas familiares o percentual anual de empresas que foram auditadas por Big Four ou não Big Four, como forma de contribuir para a caracterização do tipo de serviço de auditoria tomado pelas firmas familiares.

Tabela 4 – Tipos de Firma Auditora das Empresas Familiares

Tipo de Firma	2010	2011	2012	2013
Big Four	68,4%	69,6%	64,6%	64,6%
Não Big Four	31,6%	30,4%	35,4%	35,4%
Total	79	79	79	79

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Nota-se que as empresas familiares mantiveram uma constância na contratação de firmas Big Four durante todos os anos da análise. Assim, pelo que afirma a literatura, a presença de auditor Big Four poderia ser entendida como uma preocupação do cliente em relação ao nível de qualidade dos serviços de auditoria.

Foi identificada, também, a média dos tipos de honorário pagos pelas empresas familiares, distinguindo-os entre aqueles que são relacionados a serviços de auditoria, daqueles que são considerados como sendo de serviços de não auditoria, bem como, foi calculado as suas evoluções percentuais nos anos analisados.

Tabela 5 – Média dos Honorários pagos pelas empresas Familiares

Serviços de Auditoria	(%)	Serviços de não Auditoria	(%)
-----------------------	-----	---------------------------	-----

2010	R\$ 341.100,92	-	R\$ 67.759,62	-
2011	R\$ 417.141,62	22%	R\$ 90.423,58	33%
2012	R\$ 430.474,38	26%	R\$ 94.321,11	39%
2013	R\$ 484.590,57	42%	R\$ 172.605,86	155%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se que há uma natural evolução dos honorários pagos no decorrer dos anos em relação ao ano de 2010, no entanto, ressalta-se um maior incremento percentual no último ano da análise relacionado aos honorários pagos por serviços de não auditoria.

A prestação de serviços de auditoria e de não auditoria de forma concomitante pela mesma firma de auditoria, segundo Bortolon, Sarlo Neto (2013) não é bem visto pelo mercado. Ressalta-se isso com os achados de Almeida (2011) que indicam, entre outras coisas, que a prestação conjunta de serviços de auditoria com outros que não de auditoria impacta o gerenciamento de resultados, quando este é apenas praticado para a redução dos resultados contábeis.

4.3. Análise Comparativa entre dois Grupos de Empresas

Como a *proxy* usada nesse estudo para capturar a qualidade da auditoria de forma comparativa entre as empresas familiares e as não familiares, foi a presença de auditor Big Four ou não Big Four, a tabela a seguir elucidada o quantitativo do tipo de auditor para cada grupo do estudo.

Tabela 6 – Presença de Auditor Big Four

Tipo de Empresa	2010	2011	2012	2013
Familiar	68,4%	69,6%	64,6%	64,6%
Não Familiar	86,1%	88,6%	87,3%	82,3%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Nota-se que as firmas Big Four prevalecem sobre as suas contrapartes tanto nas empresas familiares como nas não familiares, sendo que nessas últimas elas aparecem em maior percentual.

A existência de conflitos de agência seriam um incentivo para a demanda do cliente por alta qualidade de auditoria (DEFOND; ZHANG, 2014) e muito estudos voltados a investigar a qualidade da auditoria reforçam a afirmação de que as Big Four fornecem serviços de auditoria de maior qualidade, portanto, pode-se sugerir que as firmas não familiares estariam mais preocupadas com a qualidade dos serviços de auditoria, mesmo com a literatura apontando que as empresas familiares sofrem com mais um tipo de conflito de agência e, por isso, seriam incentivadas a procurar serviços de auditoria de alta qualidade.

Já a Tabela 7, abaixo, demonstra à estatística *Qui-Quadrado* comparativamente para os dois tipos de empresas:

Tabela 7 – Teste *Qui-Quadrado*

Anos	<i>Qui-Quadrado</i> de Pearson			
	2010	2011	2012	2013

Nível de significância	0,008	0,003	0,001	0,12
------------------------	-------	-------	-------	------

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Assim, tomando por base o nível de significância assumido de 5%, observa-se que para os anos de 2010 a 2012 as frequências são estatisticamente desiguais, dessa forma, rejeita-se a hipótese nula de que as empresas familiares apresentam qualidade de auditoria igual a das empresas não familiares. Esse resultado era esperado pelas diferenças entre os dois tipos de empresas no que se refere a aspectos de propriedade e controle que, por sua vez, trazem os conflitos de agência e a assimetria informacional como fatores potenciais a qualidade dos informes contábeis e da auditoria independente.

No entanto, para ano de 2013, não se pode rejeitar a hipótese nula, pois estatisticamente não existe discrepância entre as frequências observadas e as frequências esperadas, logo, exclusivamente para o último ano da análise, infere-se que as empresas familiares e as não familiares apresentam qualidade igual dos serviços de auditoria tomados.

Uma possível explicação para isto, é que a limitação inerente a *proxy* usada, presença Big Four ou não Big Four, sendo dicotômica implicaria, de acordo com DeFond e Zhang (2014) em assumir um nível de homogeneidade da qualidade de auditoria fornecida para todas as firmas de auditoria que compõem um grupo ou o outro, bem como, não seria capaz de capturar sensíveis mudanças temporais no nível de qualidade de auditoria. Depreende-se dessa última afirmação que o nível de qualidade de auditoria não permanece constante ao longo do tempo, o que explicaria a ruptura do resultado sequencial da série, o qual ocorreu no ano de 2013.

Outra explicação possível para o resultado estatístico encontrado no ano de 2013 seria pela perspectiva da demanda do cliente por auditoria de qualidade, pois, quantitativamente, a procura por auditor Big Four diminuiu para as empresas não familiares, conforme Tabela 6, enquanto que para as familiares isso se manteve constante de maneira a ser estatisticamente significativa para a não rejeição da hipótese nula, já que o cliente de auditoria de forma racional, não iria escolher sempre um auditor Big Four procurando qualidade do serviço sem levar em consideração aspectos como os custos desses serviços ou a presença de incentivos normativos.

5. Considerações Finais

A auditoria independente exerce o papel de auxiliar a eficiência mercadológica. Isto posto, parece ser natural a buscar pela mensuração da qualidade desse serviço pela literatura pertinente. Com o apoio desta, o presente trabalho buscou identificar uma possível diferença entre as empresas familiares e as não familiares quanto a qualidade da auditoria independente, já que características como a estrutura de propriedade e controle entre esses dois tipos de empresas são diferentes e não está claro se isso pode interferir na qualidade dos serviços de auditoria.

Através do uso do teste *Qui-Quadrado*, verificou-se que dos quatro anos que foram analisados, em três a qualidade da auditoria independente é estatisticamente diferente entre as empresas familiares e as não familiares. Atribui-se isso às diferentes características institucionais encontradas entre as empresas familiares e as não familiares, pois a presença de potenciais fatores como os conflitos de agências e assimetria informacional, tendem a interferir na qualidade da auditoria conforme literatura supracitada.

Contudo, no último ano da análise, a igualdade para qualidade dos serviços de auditoria entre os dois grupos não pode ser estatisticamente rejeitada, podendo-se atribuir isso a outros aspectos que interferem na qualidade dos serviços de auditoria, seja pelo lado do fornecimento ou pelo lado da demanda desse serviço. No caso da demanda, as empresas não familiares buscaram menos auditor Big Four no último ano, enquanto que para as familiares isso se manteve constante de maneira que essa mudança foi estatisticamente significativa para que se rejeite-se a hipótese de pesquisa.

Por fim, por usar uma variável dicotômica, o estudo teve como inerente limitação a adoção de homogeneidade do nível de qualidade fornecido entre as firmas Big Four ou não Big four. Dessa forma, sugere-se que futuras pesquisas busquem usar outras proxy que possam capturar sensíveis diferenças ou contínuas mudanças no nível de qualidade do serviço oferecido por cada tipo de firma de auditoria dentro de uma série temporal mais abrangente. Espera-se, também, que sejam mais explorados os aspectos característicos das empresas familiares e como isso pode vir a afetar a qualidade da auditoria independente.

Referências

- ALI, Ashiq; CHEN, Tay- Yuan; RADHAKRISHNAN, Suresh. 2007. Corporate disclosures by family firms. *Journal of Accounting and Economics*, v. 44, n. 1-2, p. 238-286, 2007.
- ALMEIDA, Fabiana Lucas de. Prestação de serviços de consultoria por auditores independentes: Há reflexos no gerenciamento de resultados em empresas Brasileiras de capital aberto? Belo Horizonte, 2011. *Dissertação* (Mestre em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisas em Contabilidade e Controladoria, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- ALMEIDA, Jose Elias F. de; ALMEIDA, Juan Carlos G. de. Auditoria e *earnings management*: estudo empírico nas empresas abertas auditadas pelas *big Four* e demais firmas de auditoria. *Revista Contabilidade & Finanças*. São Paulo, v.20, n.50, p. 62-74, 2009.
- BORGES, Alex Fernando; LESCURA, Carolina; OLIVEIRA, Janete Lara de. O campo de pesquisas sobre empresas familiares no Brasil: Análise da produção científica no período 1997-2009. *Revista Organizações e Sociedade*. Salvador. v. 19. N. 61, p. 315-332. 2012.
- BORTOLON, P. M.; SARLO NETO, A.; SANTOS, T. B., Custos de Auditoria e Governança Corporativa. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, v. 24, n. 61, p. 27-36, jan./abr. 2013.
- BRAUNBECK, Guilherme O. Determinantes da qualidade das auditorias independentes no Brasil. São Paulo, 2010. *Tese* (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- CUPERTINO, César Medeiros; MARTNEZ, Antônio Lopo. Qualidade da Auditoria e Earnings Management: Risk Assessment através do Nível dos Accruals Discricionários. *Revista Contabilidade Vista e Revista*, ISSN 0103-734X, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 69-93, jul./set. 2008.
- DARMADI, S. Ownership Concentration, Family Control, and Auditor Choice: Evidence from an Emerging Market. *Social Science Research Network*. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1999809>. Acesso em: abr. 2015.
- DeANGELO, L. E. Auditor size and auditor quality. *Journal of Accounting and Economics*, v.3, p. 183-199, 1981.
- DeFond, M.; J. Zhang. A review of archival auditing research. *Journal of Accounting and Economics*, v. 58, n.2, p. 275-326, 2014.

- FIRMINO, José E. ; DAMASCENA, Luzivalda. G. . PAULO, Edilson. Qualidade da auditoria no Brasil: um estudo sobre a atuação das auditorias independentes denominadas Big Four. *Sociedade, Contabilidade e Gestão (UFRJ)*, v. 5, p. 40-50, 2010. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/newart/default.asp?materia=10410>>. Acesso em: 19 fev. 2015.
- GHOSH, A; TONG, C. Y. Assessing Financial Reporting Quality of Family Firms: The Auditors' Perspective. *Journal of Accounting and Economics*, v. 60, 2015.
- GOMES, Rita. Reorganização empresarial – A empresa familiar (um modelo). Porto, 2005. *Tese* (Doutorado em Direito Fiscal) – Pós-Graduação em Direito Fiscal da Faculdade de Direito da Universidade do Porto.
- GRZESZCZESZYN, G.; MACHADO, H.P.V. Empresas Familiares do Setor Moveleiro e Desenvolvimento Local em Guarapuava – PR. In: ENANPAD, 32., Rio de Janeiro, 2008. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- HASHIM, Hafiza Aishah. Corporate Disclosures by Family Firms: Malaysian Evidence. *Journal of Business and Policy Research*. v. 6. n. 2, p. 111-125. 2011.
- HOPE, O.; LANGLI, J. C.; THOMAS, W. B. Agency Conflicts and Auditing in Private Firms. *Accounting, Organizations and Society* v.37, n.7, p. 500-517. 2012.
- KAMARUDIN, K. A; DUNSTAN, K; ZIJL , T. V. The Effects of Non-Audit Services and Audit-Firm Tenure on Earnings Conservatism: Evidence from Family Firms in Malaysia. *Social Science Research Network*. Available in: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1534386 >. Access : Apr. 2015 .
- KNECHEL, R. W. et al. Audit Quality: Insights from the Academic Literature. *American Accounting Association*, v. 32, p. 385-421, 2012.
- MARTINEZ, Antônio Lopo. Gerenciamento dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras. São Paulo, 2001. *Tese* (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- MOORE, Don A.; TETLOCK, PHILIP E.; TANLU, Lloyd. Conflicts of interest and the case of auditor independence: moral seduction and strategic issue cycling. *Academy of Management Review*. V. 31. n. 1, 1–000–000. 2006.
- NISKANEN, M; KARJALAINEN, J; STEIJVERS, T. Audit Quality: The Role of Board Structure in Family Firms. *Social Science Research Network*. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1937511> . Acesso em: abr. 2015.
- ORO, I.M., BEUREN I.M., HEIN, N. Análise da relação entre a estrutura de capital e o lucro operacional nas diversas gerações de empresas familiares brasileiras. *Revista Contabilidade Vista & Revista*, v.20, n. 1, p. 67-94. 2009
- PAULO, E.; ANTUNES, M. T. P.; FORMIGONI, H. Conservadorismo contábil nas companhias abertas e fechadas brasileiras. *RAE - revista de administração de empresas*, v. 48, n. 3, jul./set. 2008.
- ; CAVALCANTE, Paulo Roberto de Nóbrega; MELO, Iana Izadora Souza Lapa de. Qualidade das informações contábeis na oferta pública de ações e debêntures pelas companhias abertas brasileiras. *Brazilian Business Review*. v. 9. n. 1, p. 1-26. 2012.
- PAULO, Iana Izadora Souza Lapa de Melo. Conservadorismo da informação contábil: Análise da relação com as características qualitativas da auditoria independente. João Pessoa, 2012. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-Institucional e Inter-

Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012.

RAMIREZ, Víctor Hernando Macías; OSPINA, Duván Emilio Ramírez. Sucesión en empresas familiares análisis desde la teoría de la agencia. caso: caldas. *Criterio Libre*. Bogotá. V.9. n. 15, p 193-212. 2011

RAPOZO, F. O.; PAGLIARUSSI, M. S.; AQUINO, A. C. B. Estrutura de Propriedade, Custos de Agência e Desempenho: estudo de caso de um grupo empresarial familiar. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007. Rio de Janeiro/ RJ. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

SALVATO, C; MOORES, K. Research on accounting in family firms: past accomplishments and future challenges. *Family Business Review*. v.23. n. 3, p. 193-215. 2010.

SANTOS, P. S. A., DANI, A. C., MACHADO, D. G. Influencia do Controle Familiar na Prática do Gerenciamento de Resultados: Evidências em Companhias Brasileiras de Capital Aberto. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 36., 2012. Rio de Janeiro/ RJ. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

SCARPIN, Jorge Eduardo; ALMEIDA, Dalci Mendes; MACHADO, Débora Gomes. Endividamento e lucratividade: um estudo em empresas Familiares e não familiares que compõem o índice ibrx-100 da Bm&fbovespa. *Revista Ambiente Contábil*. Natal, v.4. n. 2, p, 93 – 109. 2012

SIRIOS, L. P.; SIMUNIC, D. A. Auditor size and audit quality revisited: The importance of audit technology. *Social Science Research Network*. Jul. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1694613>. Acesso em: fev. 2015.

SILVA, Simone Povia. Auditoria independente no Brasil: Evolução de 1997 a 2008 e fatores que podem influenciar a escolha de um auditor pela empresa auditada. São Paulo, 2010. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

SRINIDHI, B. N; HE, S; FIRTH, M. The Effect of Governance on Specialist Auditor Choice and Audit Fees in US Family Firms. *American Accounting Association*. v. 89, n. 6, p. 2297-2329. nov./2014.

THE FAMÍLIA BUSINESS NETWORK – FBN BRASIL. II encontro de famílias empresárias de Belo Horizonte. Disponível em:

<<http://www.grupoclassic.com.br/index.php/fbn-brasil-promove-2o-encontro-de-familias-empresarias-de-bh/>> .Acesso em fevereiro de 2015.

TONG, Y. H. Financial reporting practices of family firms. *Advances in Accounting*. v. 23, p. 231- 261. 2007.

TORRES, D. et al. Estrutura de Propriedade e Controle, Governança Corporativa e o Alisamento de Resultados no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 11-34, jan./jun. 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. *Relatórios de pesquisa em administração*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WANG, D. Founding Family Ownership and Earnings Quality. *Journal of Accounting Research*, v.44, n.3, p.619-656, 2006.